

ECONOMIA PULSIONAL

Trabalho, Apropriação e Alienação

MD Magno*

• Tentativa de articulação de uma Economia Pulsional (Freud) fundamental e prévia à economia política. Suas bases consideram os seguintes temas: *Alienação*, como posição neurótica de alguém que entrega a outro a mediação de sua relação com o mundo; *Opressão* (do revolucionário), como oposta à alienação (do subalterno); *Servidão Voluntária*, como exercício contínuo e intensivo da alienação; *Apropriação*, como resultante de a vontade de apropriar-se convenientemente encontrar a vontade de alienar-se; *Poder*, como conjunto de forças que garantem a apropriação; *Trabalho*, como aplicação permanente de força pulsional às formações; *Mais-valia*, como conceito que tenta fazer a retroação da lei.

> Psicanálise - Economia - Pulsão - Comunicação - Vínculo

Trata-se de entender e articular uma *Economia Psíquica* que esteja para aquém da economia política. “Para aquém” quer dizer: o que vem antes. Daí é que temos a idéia de **Economia Fundamental** que propus como tema geral de trabalho para este semestre. Como abordar, então, segundo nossa perspectiva, as discussões ocorridas no que chamam de história da economia e, sobretudo, o movimento gigantesco que é o movimento marxista, também ele falido, que ocupou o século 20? A psicanálise oferece algum tipo de abordagem que seja fundamentadora das suposições feitas no campo dito da economia?

É uma tarefa difícil, mas como tive a boa sorte, suponho, de ter encontrado Freud bem antes (e melhor) do que Marx, posso descon-

*Psicanalista. Professor aposentado (Eco / UFRJ e UERJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes (dirigido por Jacques Lacan). www.nova-

■ Texto retirado da terceira seção do Falatório *Economia Fundamental*, proferido na UniverCidadeDeDeus em 08 maio 2004 e promovido pelo “...etc. – Estudos Transitivos do Contemporâneo” (Grupo de Pesquisa / CNPq).

siderar essa coisa esquisita acontecida na história da psicanálise que foi a existência de “psicanalistas” marxistas. Isto para não mencionar os católicos ou mesmo os judeus. É difícil de entender, mas existem. O pessoal do lado de lá tem uma virtude: não há psicanalistas islâmicos. Enquanto a Idade Média obscurecia a Europa, eles estavam em pleno desenvolvimento e nunca fizeram essa asneira. Acho espantoso alguém deparar-se com Freud antes de Marx, sacar alguma coisa do que Freud trazia (apesar dele mesmo) e ainda pensar na possibilidade de sustentar a maior parte do que Marx colocava. Não que Marx não fosse um grande economista, que não tivesse pensado algo que causou espécie no planeta, mas há nele muitos pontos que não batem para quem faz um mínimo de idéia do que possa ser o Inconsciente. (É engraçado que Lacan, em pleno momento de sucesso de Marx na Europa, nunca se deu ao trabalho de explicar sobre o marxismo. Apenas meteu-se um pouco na idéia de mais-valia, justo onde está o maior perigo. Lembrem-se de que lá estavam a URSS, a China com Mao-Tsé Tung, e que não se podia não ser marxista na Europa. E nós, no Brasil, que não queríamos ser marxistas, tínhamos que fingir que, pelo menos, falávamos algumas frases, porque era feio, falta de bons modos intelectuais não ser marxista).

O sentido mais geral de Economia, *oikonomía*, segundo a definição do *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, é: “ordem ou regularidade de uma totalidade qualquer, uma casa, uma cidade, um Estado, o mundo”. Não entendo por que ele colocou a palavra “totalidade”. Em nossa linguagem, trata-se de uma FORMAÇÃO (ver *Glossário*, no final) qualquer. Desde Espinosa que sabemos que não é porque as coisas são boas que as desejamos, e sim porque as desejamos é que são boas. Ele levantou esta evidência e, depois de Freud, a noção se acrescentou grandemente. De tal modo que, mesmo Lacan falando em necessidade, demanda e desejo, podemos reconhecer hoje que, para nossa espécie, não há necessidade alguma que não passe primeiro pelo crivo do desejo. É o que está escrito n’ALEI que fundamenta a NOVA PSICANÁLISE: Haver quer não-Haver (A→Ã). O próprio Lacan, em outro momento, aborda a idéia do *necessário* a partir do assentamento do *contingente*, portanto, subdita

a um movimento de desejo que passa por certa situação de decantação. Então, se for aceitável que nada há que não passe primeiro pelo movimento pulsional (cf. PULSÃO), que é o que chamamos de movimento do desejo (Haver quer não-Haver), esta idéia serve em cada qual como embasamento da Ganância e da Avareza, e não há como fugir disso. Assim, qualquer IDIOFORMAÇÃO e, evidentemente, no caso da IdioFormação que somos, que é a única que conhecemos de perto, só se escapa da Ganância e da Avareza em um segundo tempo, pois o movimento direto é ganancioso e avarento.

Alienação, Transferência e Singularidade

Espinosa¹, em seu *Tratado Teológico Político*, põe uma das questões principais: “Por que o povo é tão profundamente irracional? Por que ele se honra de sua própria escravidão? Por que os homens se batem por sua escravidão como se fosse por sua liberdade?” Há também, quanto a isso, o tratado de Etienne La Boétie², o namoradinho de Michel de Montaigne, intitulado *A Servidão Voluntária*, de que já tratei em outros momentos. Temos nossas próprias respostas, velhas até, que podemos dar **novamente**. Isto acontece porque o povo – não esquecer que “o povo” é a gente –, em geral, é neurótico. Uma coisa tão simples de entender depois de Freud, e as pessoas ainda discutem essa bobagem. Evidentemente, Espinosa e La Boétie vieram antes de Freud.

O povo sofre de MORFOSE Estacionária, que é como chamo a neurose comum, e não é de se esperar freqüente racionalidade em seus desempenhos, como quer Espinosa. A neurose do povo, como qualquer Morfose Estacionária, consiste nuclearmente em sua relação sempre indireta com o HAVER e suas formações. Daí a impressão que tinham Espinosa e La Boétie. Ora, a relação com o Haver e com as FORMAÇÕES DO HAVER na Morfose Estacionária é sempre indireta. O chamado neurótico se recusa a supor que possa ter uma relação direta com o que quer que seja. Ele sempre prefere um intermediário, um atravessador para sua mediação. Por isso, quando articularam esse pensamento, Espinosa e La Boétie se perguntaram por que o povo age desse modo, e não, como seria mais próximo do que faria

um Marx, por que as pessoas ficam submetidas a certos poderes e a certas forças. A moda, sobretudo, depois do marxismo, é pensar que são oprimidos pelos poderosos. Eles são oprimidos pelos poderosos ou eles criam os poderosos porque *exigem* isso e não sabem viver sem isso? É sempre dessa relação indireta que vem a posição subalterna no exercício contínuo e intensivo de sua alienação.

A palavra *alienação* é ruim em Marx, em Lacan e na psiquiatria, mas é a mais significativa nesse caso: entrega a outrem do que poderia ser seu. É a desistência de ser a sede de algo, desistência de relação direta e entrega, para o outro, de qualquer relação, mesmo que não seja de serviço, de servir. Nossa suposição – que entra no processo de economia de base – é que só nessa alienação seus membros, quer dizer, os elementos do tal povo, se reconhecem como alguém. Isto é sério e constitui o miolo da alienação. A pessoa só se reconhece como sendo alguém mediante alienação: ela é alguém pela mediação de outro. Não há separação nesse caso. A Morfose Estacionária define não-alguém. Na psiquiatria antiga, chamavam os loucos (digamos, os psicóticos) de alienados, mas, segundo nossa suposição, se alguém é um morfótico estacionário por função de RECALQUE, o louco é pior, pois, nele, trata-se de HIPERRECALQUE, ou seja, é hiper-alienado.

Os neuróticos só se reconhecem como alguém mediante alienação. Por isso, têm que honrar essa alienação, se não, não são ninguém. Se retirarmos a alienação e a conseqüente submissão ou servidão, isto significa, em primeiro lugar, obrigar a pessoa à relação direta com o Haver e com suas formações, o que é algo que assusta demais. Qual é a dificuldade de uma análise diante da construção do que chamam de neurose? Justamente a de forçar a relação direta do neurótico, já que ele fica em pânico diante dela. Em segundo lugar, significa aniquilar a forma de existência da pessoa. Então, se tentarmos retirar sua alienação, em primeiro lugar, estaremos obrigando-o a uma relação direta com o Haver, e, em segundo, estaremos dizendo que ele não existe. Um bom neurótico não é alguém, ele é flamengo, brasileiro, cristão... E é capaz de morrer ou matar alguém por ser uma coisa dessas. Logo, ele não é ninguém, já que sua existência é configurada

por sua alienação. Portanto, vai haver sempre indefectível resistência a qualquer tentativa de demovê-lo de sua alienação. É daí que vêm essas respostas possíveis às questões de Espinosa e La Boétie.

Sabemos que uma psicanálise – essa coisa praticamente impossível de acontecer – só aconteceria mediante algo cujo conceito Freud foi o primeiro a sacar e a que chamou TRANSFERÊNCIA. E é evidente, desde o começo, que transferência e alienação são a mesma coisa. Tanto é que ele dizia que não há análise sem transferência e não há cura sem eliminação da transferência – vejam que situação difícil. Acontece que a transferência vem de graça, é muito fácil, é o que fazemos a vida inteira. Qualquer bicho, em nível etológico, faz transferência, embora sua transferência não esteja invadida pelo campo do SECUNDÁRIO (cf. RECALQUE [Regimes do]), tendo mecanismos de separação em certos momentos. Nossa espécie faz transferências maciças que ocupam todas as áreas, menos o ORIGINÁRIO (cf. RECALQUE [Regimes do]), onde nunca chega perto. Se a análise funcionasse, consistiria em lá chegar para ficar livre da transferência etológica no PRIMÁRIO (cf. RECALQUE [Regimes do]) e NEO-ETOLÓGICA no Secundário. Parece, portanto, que o próprio funcionamento do vivo e desse vivo invadido pelo Secundário não se dá sem alienação. E se algo pode ser feito é no sentido de tentar escapar dela. Isto, *depois*, pois não há alguém que seja não-alienado. Escapar da alienação é atingir um ponto de absoluta INDIFERENÇA, insignificância, solidão radical, etc. Mas, com frequência, as pessoas não querem sofrer esse tipo de impacto.

De fato, toda e qualquer IdioFormação é *singular*. Coisa bem diferente é assumir a Singularidade. Se há IdioFormação é porque tudo é alienado no regime do Primário (seja AUTOSSOMÁTICO ou ETOSSOMÁTICO – cf. RECALQUE [Regimes do]) e no do Secundário (por todas as vias que conhecemos e que chamamos simbólico ou cultura). Millôr Fernandes disse que “o homem nasce original e morre um plágio”. Nessa hora é que alguém feito o pobrezinho do Rousseau se confunde completamente. Ele sacou que, em algum lugar, os elementos desta espécie, as IdioFormações, são singulares. Mas como

também sacou que esta singularidade não comparecia, concluiu que os homens nascem bons e a sociedade os estraga. O que, aliás, é uma verdade, ainda que imbecil. Tirando o Primário, que já está instalado, do ponto de vista do Secundário (sabendo que, supostamente, há um Originário ali), aquilo nasceu meio virgem – inteiramente virgem não existe – e a invasão do Secundário no Primário acaba por transformar o pobrezinho em um Primário de segundo grau (como costuma ser a escola hoje em dia)... Rousseau se confundiu ao pensar que fosse possível imaginar que alguém nasce Originário, quando, na verdade, já nascemos plagiando o Primário. O Secundário é esse plágio.

Portanto, é espantoso que, na história da tal psicanálise, psicanalistas ditos marxistas, por exemplo, tenham esquecido tudo isso na hora de pensar. Tomaram os conceitos do marxismo e os aplicaram no anedotário edipiano que a psicanálise – quer dizer, o judaísmo de Freud – ofereceu como não-resto para a psicanálise. Mas como engolir estes conceitos do marxismo, mesmo tendo origem hegeliana, depois de saber desse funcionamento de base da espécie?

Apropriação e Poder

Observem que, em caso de *apropriação*, o funcionamento de alguns da espécie se passa radicalmente ao contrário. Certamente, são minoria. A pergunta é: por que alguns não são neuróticos? Isto é espontâneo ou ficaram curados? O que aconteceu para que alguns, pelo menos no regime desta relação de alienação, não funcionem como morfóticos estacionários? Por que, ao contrário, funcionam como morfóticos progressivos (que é o nome que dou para um tipo de funcionamento que inclui o que chamam de perversão)? Não deve haver mistério algum aí, nós é que somos ignorantes. Desde o começo da existência desta espécie faz-se a suposição de que havia certo princípio de dominação por parte de alguns. O fundamento que me parece definir toda e qualquer dominação, superioridade, etc., é o *ato de apropriação*. Vemos isto em um cachorro quando o soltamos e ele imediatamente marca seu território e vai defendê-lo com garras e dentes. A apropriação tem bases etológicas: a vida não se manifesta e não continua sem certas apropriações na luta.

Se aparecer um outro mais forte, da mesma espécie ou de outra, vai tomar a propriedade do anterior.

A apropriação do território já existe no nível etológico animal e, subseqüentemente, no nível etológico humano. E sempre comparece aí, necessariamente, a função *Poder*. Quem pode apropriar-se do quê? É disso que decorrem: mandante e mandado, dono e escravo, senhor e servo, patrão e empregado, empresário e operário – que são acoplamentos nascidos da relação dos poderes, inicialmente fundamentados no tapa, na força. Se quisermos, então, de nosso ponto de vista, reconhecer qualquer poder, basta procurar pelas forças que o garantem, sejam físicas, psíquicas, policiais, sociais, etc. Se existem alguns que, não se sabe por quê, não funcionam ou não funcionam mais estacionariamente (neuroticamente), e se existem muitos que só funcionam e só se reconhecem no estacionário, na alienação, toda vontade de apropriação, mesmo que exista em qualquer um, vai comparecer imediatamente quando alguém se apresenta com a aparência de, pelo menos, estar fora do processo de alienação. Este alguém começa a ser aquele a quem o outro vai se alienar. Junta-se aí a fome com a vontade de comer: a vontade de alienar-se encontra uma vontade de apropriar-se. É a sopa no mel: isso é dado, vem no etológico e é recomposto no Secundário. A grande questão, repito, é: como alguns não funcionam ou deixam de funcionar, por algum processo, como neuróticos? Ou seja, funcionam no regime que em Freud se chamava *perversão* (em seu sentido genérico, e não no de perversidade)?

Esta reflexão sobre Economia não nos leva a perguntar ao economista, nem mesmo ao melhor economista político, seja Marx ou quem for, e sim a extrair a Economia, que Freud tanto prezava, dos próprios movimentos de nossas articulações, o que é anterior a qualquer processo de economia política, por exemplo. Podemos até aproveitar, quanto ao que estou dizendo, um bocado da dialética do Dono e do Escravo, de Hegel, mas não necessariamente como arrostamento da morte, como está na *Fenomenologia do Espírito*. Para Hegel, o mestre, o dono enfrenta a morte que o outro não tem coragem de enfrentar e, por isso, ele é o dono. O escravo, então, como

não arrosta a morte, vai inventar a chicana dialética para destituir o senhor de seus poderes e disseminá-los. Mas não acredito nisso, pois é mais parecido com a birra do neurótico que transfere, entrega para outro e quando o outro aceita, ele diz *não*. Isto é muito mais perto de nossa observação, pois sabemos que o neurótico pede análise para não fazê-la e ficar invectivando o analista, que é suposto por ele como mestre.

Mesmo supondo que possa ser assim como quer Hegel, acontece que há alguns que não se alienam de imediato, que tentam falar em nome próprio (se é que isto é possível). Com isso, eles correm o risco, não sei se de morte, de se relacionar diretamente com as formações do Haver, sem intermediário, sem mediador, sem atravessador. Não por serem mais corajosos ou menos covardes do que os outros, mas por não serem especificamente neuróticos, e sim perversos. Quer dizer, inscrevem-se sintomaticamente no partido da Morfose Progressiva, que é um partido como outro qualquer – o PT, por exemplo –, e não se sabe bem o porquê de estarem nesse partido. Então, é verdadeiro o que Hegel colocou a respeito do arrostamento da morte como instância suprema. Mas todo e qualquer risco evitado, toda e qualquer tentativa de viver no aproveitamento das produções sem esse risco é necessariamente da ordem da alienação e da neurose. Esta é a minha hipótese.

Alienar-se é entregar o risco para outrem, o risco de lidar diretamente com o Haver por não se querer riscos. É isto que Hegel achou que fosse o enfrentamento (ou não) da morte. Por exemplo, depois que inventam o avião até voamos nele, mas não nos arriscamos antes como fizeram seus inventores. Desse modo, estamos na dependência de alguém que o fez. Alienação é isso. Ora, cria-se daí necessariamente uma aristocracia de senhores progressivos enquanto morfóticos.

Produção e Instalação dos Impérios

É em função da alienação que digo que a *instalação* de um IMPÉRIO, qualquer que seja, é necessariamente religiosa. Freud atribuiu a religião à neurose obsessiva por causa dos ritos e das repetições, mas quer me parecer que ela é um belo cruzamento de histeria com ob-

sessão. Como a religião é necessária e genericamente neurótica, e só se instala um Império pela via da neurose da massa, para a instalação do que denomino QUARTO IMPÉRIO é preciso que as pessoas entrem em uma religião nova. A religião nova – ou ARRELIGIÃO, como chamo – é a Psicanálise. A novidade não é a atitude religiosa das pessoas, e sim a constituição do aparelho religioso como mais abstrato. O que as pessoas vão fazer com ele? Porcaria. Iriam fazer o quê sendo os neuróticos que são? Acontece que isso muda completamente o aspecto do mundo – do mesmo modo que não podemos deixar de notar que o cristianismo, como instalação de TERCEIRO IMPÉRIO, mudou completamente o aspecto do mundo. Aspecto este que já estava em emergência no Império Romano. Notem que quando o cristianismo entra e instala o Terceiro Império, ele o instala na ordem da baixaria, tanto é que houve aquela Idade Média nojenta, com todo seu retrocesso. A instalação sempre ocorre na baixaria.

Quanto ao momento de *produção* de um Império, é surgimento de não-alienação. Não podemos produzir nada que ainda não exista se não entrarmos em contradição com o que há. Então, temos esse movimento perverso, de Morfose Progressiva, para a produção. Como não há instalação segundo o regime anterior e não há com quem fazer essa instalação, ela será feita na tradução, sempre péssima, da produção no seio da situação. A impressão é de que o movimento de produção de Terceiro Império no Império Romano não achava como se instalar e só com o tempo foi se movimentando e sendo decantado sobre as idéias “de Jesus”. Para os judeus, ele era um bandido por querer falar parecido com os romanos e traduzir em termos de Deus. É, ao mesmo tempo, brilhante e estúpido. Então, de fato, não se produz nada fora do regime da Morfose Progressiva.

Nada se articula de novo se não houver abandono do articulado por tesão não alienado, sem dono, sem objeto, apenas Tesão (cf. PULSÃO). Neurótico tem tesão? Tem, em tudo que já existe. Não lhe ocorre um tesão novo. Se lhe mostrarmos um tesão novo, ele fica em pânico.

Trabalho do Haver

O que quer que se faça sempre demanda um trabalho. Engraçado que a palavra ‘trabalho’ vem do latim *tripalium*, ‘três paus’, que é um instrumento de tortura: um pau fincado no chão com outros dois paus móveis fixados em cruz, em que se amarravam as mãos e os pés da pessoa. Já imaginaram a força que isso pode fazer quando se está em cima de um pau desses? Então, repito que, efetivamente, o trabalho danifica o homem. Foi a burguesia quem criou a idéia de que ele dignifica o homem – só que ela preferia não trabalhar e apenas pegar os lucros. Por isso, com toda razão, o trabalho é considerado uma condenação. Não há como fugir dele, o máximo que podemos é fugir de certos tipos de trabalho.

O trabalho é incessante e ingente na máquina pulsional. Como a Pulsão fundamental do Haver está escrita n’ALEI (Haver quer não-Haver), trabalho é: toda e qualquer aplicação de força pulsional a toda e qualquer formação. E como o Haver não pára de trabalhar – outra coisa são os tipos de trabalho que estão dentro dele –, podemos falar em *trabalho do Haver*, ou trabalho do inconsciente, como dizia Freud. Ou ainda, como dizia Lacan, que, no inconsciente, trata-se de um “saber que não pensa, não calcula, não julga, o que não o impede de trabalhar”³. Trabalho é, portanto, a aplicação permanente de força pulsional. Aí temos, de qualquer modo, *condenação*, pois não há como não aplicar a força pulsional. Ela é aplicada em qualquer momento: no sono, no suicida, no catatônico (se não, ele não conseguiria ficar parado)... Na alienação, também. Por isso, Espinosa e La Boétie diziam que a pessoa *opera* uma servidão voluntária: ela está trabalhando para se alienar. Quando, na clínica, ouvimos alguém dizer que está sem interesse por nada, na verdade, constatamos que ele tem um enorme interesse por nada. Aliás, Nada é o maior tesão. O ideal do trabalhador é fazer nada. É o que está n’ALEI: o Tesão é de não-Haver, de Paz. Muitos se confundem aí e aplicam o Tesão todo na suposição de não estarem fazendo nada, para ver se conseguem ficar em paz. Mas os outros vão lá atormentá-los e os colocam no hospício, por exemplo. É um inferno! Neste ponto quem tinha razão era Sartre: “O inferno são os outros!”

Vejam, então, que ficamos numa situação difícil, pois as articu-

lações da economia, sobretudo da economia política, encontram-se na maior espontaneidade da IdioFormação. Que revoluções seriam possíveis, se a tendência é retornar à alienação? Quem efetivamente é capaz de fazer revoluções? Só os donos. Isso repercute na tal “ditadura do proletariado”. Se a vontade de comer se junta com a fome, ou seja, se a vontade de apropriação encontra a vontade de alienação, tudo se torna apropriável. Há uma vontade de apropriação de alguns e uma farta vontade de alienação de grande quantidade de outros, e quando as duas coisas se juntam, não é possível não haver a apropriação. Trata-se de apropriação do que quer que, sobretudo, apropriação do trabalho. Não do trabalho cotidiano do escravo ou do operário, e sim do *trabalho de produção da alienação*. Há um trabalho na própria produção da alienação e esse trabalho é apropriado pelo apropriador. Este já começa metendo a mão na vontade de alienação do outro. Ou seja, já é apropriação de trabalho (o que vai ter conseqüências no pensamento de Marx sobre a mais-valia).

Alguma revolução foi inventada pelo alienado? A demagogia dos revolucionários é dizer que o povo é quem faz revolução, quando, na verdade, o povo *instala* [Ver “Produção e Instalação dos Impérios”, acima] a revolução que eles fazem. Isto, quando é para instalar (basta lembrar como foi a Revolução Francesa e seu terror). Espártaco, por exemplo, era um senhor entre os escravos. Alienado não toma iniciativa de nada, o máximo que faz é arranjar um mediador que vai fazer por ele – aí, talvez, ele deixe de se alienar aqui para se alienar ali. Não há revolução de escravos. Zumbi, outro exemplo, não era escravo, e sim oprimido. A distinção entre o processo de produção e o de instalação mostra a clareza de que não há revolução de oprimidos: eles não são oprimidos, são alienados. Se considerarmos diversos indivíduos debaixo da mesma opressão, qual vai se rebelar? O rebelde, ou seja, aquele que não é alienado. É a criança rebelde dentro da família que, enquanto os outros abaixam a cabeça, diz *não* e força a saída para algum lado. Isto porque a “neura” não colou nela. É justo esse processo de colar ou não a Morfose Estacionária

que é preciso entender.

Mais-valia

Temos, segundo Marx, o conceito de *mais-valia* como caso especial, no seio da burguesia industrial, de um tipo de apropriação do trabalho (o qual sempre esteve apropriado, alienado). Precisamos entender se este conceito vale ou não. (Lacan deu um jeitinho e o reduziu à idéia de *mais-gozar*, mas só fez isto porque tinha um sujeito e um objeto para tanto). O que é mesmo mais-valia? Acho que ninguém nunca entendeu, nem Marx, apesar de tentar explicar. Ele *inventou* – assim como Freud inventou a psicanálise – que, na relação de produção do burguês com seu operário, seu trabalhador (que seria diferente da relação do dono e do escravo, de Hegel), o burguês lhe oferece um contrato, pagando “condignamente” por hora de trabalho. Depois, o burguês – notem que Marx não fala de capitalista, que é uma invenção posterior – se apropria do resultado desse trabalho, já que foi ele quem o encomendou e o pagou, e vai vendê-lo por um preço maior. Isto significa que o operário recebeu menos do que devia pelas horas de trabalho e o burguês enriquecerá apropriando-se da parte que não pagou. Mas esta é uma conjectura de Marx, provem que é verdade! Um burguês pode dizer que tratou o operário com a maior seriedade, que contratou seu trabalho, que acertou com ele a quantidade de horas e o consultou quanto ao que receberia. Ora, se o burguês pagou pelo trabalho e depois vendeu o produto mais caro, isso não é problema do operário. E o risco do burguês? Ele investiu seu dinheiro, correu uma série de riscos, fez diversos negócios e, portanto, tem o direito de ganhar o seu. Essa é a briga do capitalismo com o suposto socialismo de Marx.

O importante é saber se existe mais-valia e se tem fundamento em algum lugar. De meu ponto de vista, se pensarmos a mais-valia como viável, só pode ser um conceito da ordem de outro que não havia em Marx, que é o conceito freudiano de SÓ-DEPOIS (*Nachträglichkeit*). Como pensar a recusa do burguês em aceitar a mais-valia se, na seqüência, ele fez tudo direito, depois negocia o produto mais caro e ganha em cima? Então, não há mais-valia no contrato, *só há*

mais-valia no só-depois. Supondo-se que não conseguisse vender a tal mercadoria ou que ela se deteriorasse antes da venda, para o burguês este é seu risco. Então, mesmo que queiramos salvar o conceito de mais-valia de Marx, ele só funciona ao-depois.

Direi agora algo que é preciso deixar em suspenso e que retomarei em outro momento: é como se o operário reclamante quisesse fazer a *retroação* (cf. HIPERRECALQUE) da lei. Isto é grave, pois é como se Marx, ao criar o conceito de mais-valia, fizesse retroagir a lei. Na seqüência, o processo está certo, é de retorno que está errado. Lembrem-se de que todo o movimento do pensamento marxista depende do conceito que ele radicaliza de que qualquer ganho do capitalista é feito estritamente em cima da mais-valia. Hoje, podemos dizer que, primeiro, isto não é verdade, e, segundo, este conceito precisa ser revisto. No só-depois sempre vai haver dissimetria. Não há como não ser assim. A economia fica inventando truques de equilíbrio, se não, a coisa fica numa dissimetria radicalíssima. Fala-se em participação dos empregados nos lucros, os cristãos inventam a tal caridade para dar uma equilibrada, etc. Caso contrário, morrem todos de fome e o outro lado fica absolutamente rico, mas sem ter para quem vender...

A vantagem de constituir, mediante a psicanálise, uma base econômica, e até base para uma economia política, é deixarmos de acreditar em muita baboseira, pois a coisa vai se esclarecendo. O que foi a revolução francesa, ou a russa? Que diabo é aquilo que deu – talvez necessariamente – no que deu? O que Lenin tentou e conseguiu de certa forma instalar foi uma grande religião, que chamou de marxista. Não sei se era.

Pequeno Glossário

ALEI – “Haver desejo de não-Haver”, ou “Haver quer não-Haver”. Este-nografa-se: A→Ã. Axioma de base e fundamento da Nova Psicanálise. É a máquina fundamental da clínica, que Freud chamou de Pulsão (de Morte), conceito que visa o Gozo Absoluto e definitivo: extinguir-se, sumir radicalmente de si mesmo, seja no nível micro (homem), seja no macro (Haver).

Arreligião (psicanalítica) – Derivada apenas da experiência de Rememoração (recuperação, mediante anamnese [≠ amnésia], da experiência do Um no Cais Absoluto) do Originário, sem compromisso com quaisquer formações

religiosas ou filosóficas anteriores. O prefixo A indica que a psicanálise não é religião e ao mesmo tempo que é A Religião, rival radical, pois abolidora e substituta em vazio de qualquer religião.

Arte – Produção do Novo, da invenção, da criação, para além de qualquer formação já dada. O radical ART tomado no sentido etimológico de processo puro e simples de *articulação*, que, generalizado, chamará de Arte todo e qualquer processo de criação.

Artifício Espontâneo – O já dado, presente no Haver desde sempre. Inclui o que se chama de Natureza.

Artifício Industrial – Aquele produzido pelas IdioFormações, que têm a possibilidade de forçar a reversão do espontâneo, do já dado.

Barbárie – O que embarga a realização da Modernidade, *i.e.*, do fluxo do Creodo Antrópico em direção ao Originário. Cf. Projeto Pró-Moderno.

Cais Absoluto – Lugar à beira do não-Haver, quando o conjunto pleno do que há é oposto ao que não-há, o qual, mesmo não havendo, é requerido pelo Haver. Lugar que vincula todos a ele, e não todos entre si. Lugar de máxima afetação e angústia. Lugar do Vínculo Absoluto e da HiperDeterminação. (Termo retirado de Fernando Pessoa).

Catoptria (Princípio de) – Do grego *kátoptron*: ‘luz’, ‘espelho’, ‘refletor’. Função especular produtora de avessamento, produtora de Revirão: requerer o não-Haver, não achá-lo e retornar sobre si mesmo no sentido de absoluta reversão.

Clínica Geral – Clínica do que quer que haja, abrangendo toda e qualquer manifestação humana, sem necessidade de separação de campos (p. ex.: arte, filosofia e ciência). Pode também ser chamada de Clínica da Cultura. Inclui a chamada clínica de consultório.

Comunicação – A vinculação entre os registros Primário, Secundário e Originário. Sua teoria geral é a Transformática.

Creodo Antrópico (ou **Creodo Cultural**) – Sucessão de estádios – chamados de Impérios – que se escalonam no tempo como *Creodo* (conceito retirado da teoria das catástrofes, de René Thom, que significa: “caminho necessário”) para a espécie humana, cujo modo próprio de existência é genericamente chamado de *cultura*. Repetição de caminhos de passagem que se tornaram necessários entre os níveis Primário, Secundário e Originário. Isto porque as formações se solidificaram antes do surgimento da espécie humana e porque as forças em jogo são muito superiores à remissão à potência de reviramento das IdioFormações.

Criação – O achado a partir da Indiferenciação. Em qualquer nível, criar é ultrapassar o que já está dado, reverter o que parecia irreversível. Resultado do empuxo da HiperDeterminação, forçando, no seio da indiscernibilidade, um novo discernível qualquer.

Cultura – Em sentido genérico e abrangente, é o modo de existência da espécie humana. Em um de seus sentidos específicos, é vista como Neo-etologia.

Cura – Todo e qualquer encaminhamento no sentido da HiperDeterminação.

Tentativa de minorar o mal-estar no Haver e recurso cada vez mais freqüente à HiperDeterminação que caracteriza essencialmente as IdioFormações.

Formação – Qualquer coisa que se forme, conjunto, agregado, de qualquer espécie. Toda e qualquer conjuntura destacável, desenhável, dentro do Haver, seja qual for a forma ou a materialidade de seus elementos ou dela mesma. O próprio Haver em sua plenitude é uma formação (aliás, de última instância), assim como o é o Revirão que se supõe funcionar dentro do Haver.

Formação do Haver – Termo genérico para designar que tudo no Haver comparece como formações, inclusive as formações ditas psíquicas. Qualquer formação do Haver se movimenta no empuxo da ALEI, como ressonância ou metáfora da impossibilidade última de Haver passar a não-Haver.

Haver (A) – Conjunto aberto de tudo que há e que pode vir a haver. Inclui o chamado Universo.

HiperDeterminação – Para além das determinações e sobredeterminações primárias e secundárias, o que hiperdetermina o Haver em seu movimento de estados e modalizações é sua Causa, o não-Haver, *Ã*, que, como o nome diz, *lhe* é tão exterior que nem há, mas que nele se inscreve de algum modo e se re-inscreve na espécie humana. Estar referido à HiperDeterminação é quando se indiferencia tudo e se exaspera apenas a Diferença última entre Haver e não-Haver. Desenha-se, em última instância, como o aparelho do Revirão.

HiperRecalque – Regime de Recalque responsável pela produção de psicose. Resulta em hipóstase da lei, com retroação do enunciado legal do Regime Secundário ao Primário. Corresponde ao terceiro grau de **Reificação** (Cf. verbete), com forças intensivas extremamente poderosas.

HiperRecalque técnico – Quando se toma determinada idéia ou dica como base de fundação para funcionar *como* HiperRecalque. Qualquer teoria, ciência, filosofia ou religião se funda sobre um construto da ordem do HiperRecalque, pois parte do reconhecimento de algo como se fosse fato bruto, o que não deixa de ser uma hipóstase.

IdioFormação – Uma (qualquer) formação que tenha disponível para si (mesmo que não aplicada *hic et nunc*) a HiperDeterminação. O Haver e o Homem são exemplos de IdioFormações.

IdioFormação (Princípio de) – *Ídios*: 'mesmo'. O universo tem uma formação em reflexão, espelho, catoptria e, em última instância, produz algo que reflete a sua reflexão. Repete-se a si mesmo de maneiras as mais variadas. Ver Catoptria (Princípio de).

Impérios (Cinco) – São os Impérios que a **NOVAMENTE** extrai de sua experiência e de suas bases teóricas. Eles serão seguidos como possível vetor de desenvolvimento segundo um verdadeiro Creodo, que parte do Primário para o Secundário, e daí para o Originário. Nada obriga a este caminho – não há imperativo kantiano –, mas para ele estamos disponíveis: 1º) **Império d'Amãe**: Devido à descendência carnal de nossa existência primária de animais, embora diferenciados, de início as mães é que constituíam a referência de Eu. Não que as mulheres governassem (certamente jamais houve

nenhum matriarcado), mas as pessoas, de ambos os sexos, deviam viver e deslocar-se centradas nas mães enquanto referência na organização do espaço e do movimento, enquanto nomeadoras dos indivíduos e organizadoras dos grupos. Portanto, a referência era estritamente ao que é do Primário. 2°) **Império d'Opai**: Saber quem é a mãe pode ser fácil, bastando verificar e marcar ou atestar o nascimento. Bem mais difícil é garantir a paternidade muito antes do teste de DNA hoje possível. Para isto foi preciso inventar expedientes como a vigilância da fidelidade das mulheres ou o apedrejamento das adúlteras. Neste Império surge a revolucionária invenção do Pai, bem como de um Pai-do-céu, mas que é pai... de certo povo dileto. A referência agora é a passagem do Primário ao Secundário. 3°) **Império d'Ofilho**: Por exemplo, a invenção de Jesus Cristo ("atire a primeira pedra...") revolucionando o judaísmo, quando a paternidade é passada diretamente para os céus aonde habita um Deus que já não é mais apenas o pai de certo povo, mas sim de qualquer um como de todos os que ouvem a Sua (Dele) palavra. Atualmente, ainda estamos neste Império, onde a referência é estrita ao Secundário. 4°) **Império d'Oespírito**: Surgiria quando nos desfizéssemos não só dos mediadores da palavra de Deus, como da própria paternidade com sua paternalização indefectível e acabássemos por reconhecer que é o nosso regime Secundário, simbólico, transcrito, linguageiro e subseqüentemente monetário, que dá sustentação às manobras culturais que até agora temos efetivado. Aí se tomaria esse regime Secundário como a referência fundante e determinante de nossas maquinações culturais, as quais passariam a ser cada vez mais abstratas e generalizantes. Só assim, todos, genericamente, sem menor discriminação por mãe, pai ou palavra assentada, poderiam ser absolutamente "irmãos" definitivos, embora diferentes demais ou até mesmo contraditórios. Constatam-se várias lufadas parciais ou regionais do vento deste Quarto Império. Nele estamos adentrando, mas ainda mal preparados e apegados aos obsoletismos do Terceiro Império. O efeito primeiro dessas lufadas sendo a recrudescência de nacionalismos, regionalismos, confissões religiosas, crenças e magias reentonadas, velhas moralidades reentronizadas. Mas se tivermos a sorte, acabaremos por tomar assentamento neste novo estádio. A referência seria então a passagem do Secundário ao Originário. 5°) **Império do Amém**: É ainda impensável, pois sem experimentar efetivamente o Quarto Império, talvez nem saibamos conjecturar direito o que virá depois. No Quinto Império há que bendizer quase tudo, ou mesmo tudo (em latim *valetudo* significa saúde) – mas sustentando ao mesmo tempo um juízo acirrado e rigoroso, para além da aderência patológica e patética às nossas formações sintomáticas tão particulares, isoladas e ociosas. Sua estrita referência é ao Originário. Cf. Projeto Pró-Moderno

(In)Consciente – O que se passa entre Haver, com todas as suas formações modais, e não-Haver. Toda vez que nos aproximamos de qualquer formação, aparece o (In)Consciente enquanto (não)relação entre as formações do Haver (como um todo) e o não-Haver (que pode forçar alguma HiperDeterminação).

Indiferenciação (Indiferença) – Estado neutro do Real. É deslocar, disponibilizar-se à HiperDeterminação.

Morfoses (ou Psicomorfofos) – Denominação que inclui e substitui todas as usuais categorias ditas nosológicas, agora tomadas como Formas de Gozo. As IdioFormações apresentam quatro aparelhos mórficos: **Morfose Progressiva**, que inclui e acrescenta novos entendimentos às chamadas perversões e fobias; **Morfose Estacionária**, em substituição às neuroses histérica e obsessiva; **Morfoses Regressivas**, em substituição às psicoses (esquizofrenia e paranóia); e **Morfose Tanática**, que inclui a melancolia e a depressão. Cada uma pode se marcar de modo positivo ou negativo. E cada uma das marcações (positiva ou negativa) pode ser encontrada em sua forma ativa ou reativa. As Morfoses se decompõem em **Patemas**, formações mínimas da estrutura psíquica que são da ordem do *pathos* (afetação), e não do nosológico. O conjunto dos Patemas constitui a **Patemática** (e não a nosologia) **da Psicanálise**.

não-Haver (Ã) – Averso radical de Haver. Para as IdioFormações, tudo pode ser avessado, dialetizado, catoptrizado. Portanto, por sua constituição íntima, por sua estrutura mental, não podem não conjecturar o não-Haver de última instância.

Neo-Etologia – Resultado de Recalque, no nível Secundário, das possibilidades de reviramento da espécie humana. A cultura, em um de seus sentidos, é vista como uma neo-etologia, por criar uma nova etologia por excesso de crença nos modelos dados de comportamento e imitar o etológico espontâneo do nível Primário.

NOVAMENTE (ou **Nova Psicanálise**) – Criada em 1986, por MD Magno na linhagem de Freud e Lacan, é uma reformatação da psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres, que têm se mostrado à altura de orientar uma teoria compatível com a situação atual do mundo, sobretudo em seus aspectos de ciência e de saber. Coaduna-se com as teorias científicas contemporâneas e freqüentemente demonstrou antecipá-las em diversos pontos cruciais. Pode ser definida como um aparelho clínico de simulação da suspensão dos recalques.

Projeto Pró-Moderno – A tentativa, onde quer que haja, de fazer funcionar o Quarto Império. Vetor cuja força visa a passagem do Terceiro para o Quarto Império. Haveria assim a realização da Modernidade, pois nunca fomos efetivamente modernos. A possibilidade de instauração definitiva do Quarto Império, na prática, no exercício cultural, está na dependência de se passar como referência ao Quinto Império, ao puro reviramento, à pura Indiferenciação. O projeto Pró-moderno consiste em desrecalcar nossa Originariedade, o que é o processo de Cura. Cf. Impérios (Cinco)

Pulsão – Conceito fundamental da Nova Psicanálise, conforme elaborado por Freud, em sua última instância, como Pulsão de Morte. Inscreve-se como movimento de libido e estrutura-se como Revirão. Modo de funcionamento do Haver, *i.e.*, o próprio movimento do que há. Deste conceito se deduzem todos os outros conceitos.

Recalque – Conceito elástico, dinâmico e polivalente, que estrutura todo o pensamento psicanalítico. O que quer que não esteja comparecendo aqui e

agora é da ordem do Recalque. O que quer que se defronte, mais ou menos opressivamente, com o Revirão é fundação de Recalque.

Recalque (Regimes ou Registros de) – 1°) Primário – Formações que o Haver oferece espontaneamente. As formações materiais existentes no Haver. No Primário de nosso corpo há dois níveis: *autossoma* (constituição biótica) e *etossoma* (conjunto dos comportamentos inerentes ao autossoma). 2°) **Secundário** – Regime produzido pelas IdioFormações enquanto referidas ao Primário (etossoma e autossoma), mas empuxados pelo Originário, que é sua competência de reviramento radical do que quer que se lhes apresente. Inclui o que se chama de simbólico e de cultura. 3°) **Originário** – Fundamenta-se na axiomatização da ALEI. Competência que têm as IdioFormações de reviramento radical do que quer que lhes seja apresentado. Quebra de Simetria no Haver e no psiquismo, dada pela impossibilidade de o Haver passar a não-Haver.

Reificação – Processo progressivo/regressivo entre níveis, variando em três graus segundo sua intensidade. Primeiro grau (analogia): reificação branda que se dá no Secundário, por imitar o modo de construção do que estava no Primário, não sendo necessariamente recalque. Segundo grau (metáfora): recalque. Terceiro grau (hipóstase): reificação do Secundário sobre o Primário, podendo resultar em HiperRecalque, onde o que é proibido é tomado como impossível.

Revirão – Máquina lógica tomada como metáfora dos movimentos do psiquismo e do Haver. Decorre da ALEI e se presentifica para as IdioFormações na possibilidade que têm de pensar, querer e mesmo produzir o avesso de tudo que lhes é apresentado.

Simetria - Inscrita na ALEI, Haver desejo de não-Haver, o que é a imposição do desejo como desejo de simetria.

Simetria (Quebra de) – O Haver ter desejado seu simétrico enantiomórfico, seu avesso catóptrico, seu avesso diante de um espelho absoluto, e não conseguir atingi-lo por impossibilidade. Ocorre, portanto, pelo simples fato de que o não-Haver não há. Inclui o que Freud chamou de castração e indicou como recalque originário (*Urverdrängung*).

Sobredeterminação – Imensa gama de elementos que determinam a vida da gente, e que podem ser do nível Primário ou Secundário.

Só-Depois (*Nachträglichkeit*, Freud; *après-coup*, Lacan) – Segundo a concepção freudiana de causalidade psíquica, o sentido dos acontecimentos traumáticos será produzido num tempo posterior ao vivido, significando que algo do evento passado é trazido ao presente em função de experiências novas que irão reativar e remodelar as impressões e memórias que não puderam integrar-se plenamente num contexto significativo. Nessa temporalidade típica do inconsciente, os acontecimentos adquirem eficácia psíquica *a posteriori*, quando seu efeito de sentido emerge. O sentido que será tido é uma presentificação, de efeito retardado, do acontecimento que terá sido.

Transferência – Toda possibilidade de vinculação. São dois os seus vetores:

baixa transferência, a pega vincular etológica; e *alta transferência*, aquela que se dá na ponta radical do Cais Absoluto perante o não-Haver. Onde há transferência, acendeu-se para alguém a Vinculação Absoluta. É impossível dissolvê-la quando é verdadeira, *i.é.*, quando se tem como referência a HiperDeterminação.

Transformática – Teoria geral da comunicação. Como o que existe são trans-formações, transas entre formações, é o infinito e variável processo de colheita e arquivamento das transas entre as formações, no regime das IdioFormações. É a “metodologia”, o modo de operação, da Gnômica, uma hiperinformática afetada pela HiperDeterminação.

Vínculo Absoluto – Vínculo não-relativo mediante o qual há toda possibilidade de vinculação. Não vincula as IdioFormações uma às outras, mas as deixa vinculadas a uma única absoluta e unária situação. Em algum lugar, por causa de sua formação fundamental como disponibilidade ao Revirão e à HiperDeterminação, as IdioFormações estão em vinculação absoluta. Onde se indiferenciam todos os vínculos transferenciais do Primário e do Secundário. É vazio e não determina nenhum comportamento.

Notas

1. ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Teológico-Político*.
2. LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Trad.: Laymert Garcia dos Santos
3. LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974. p. 26

• An attempt to create a fundamental *Trieb* Economy (Freud) – previous to the political economy –, which would consider the following themes: *Alienation*, as a person's neurotic position delivering to another one the mediation of his relation to the world around; *Oppression*, as characteristic of the revolutionary man in opposition to the alienation of the subaltern one; *Voluntary Servitude*, as a continuous and intensive exercise of alienation; *Appropriation*, as a result of the appropriation wish suitably finding the alienation wish; *Power*, as a set of forces which support the appropriation; *Labor*, as permanent application of *Trieb* (Freud) forces to the formations; *Surplus Value*, as a concept which attempts the retroaction of the law.

> Psychoanalysis - Economy - *Trieb* - Communication - Bind